

**Haroldo Guimarães**  
Ator, professor e advogado

# Por trás do riso, se encontra um homem de muitas facetas, a prova viva de que contradição faz parte da alma humana

Com o tempo, José Haroldo Guimarães Filho foi ficando mais confortável, foi rindo, descruzou as pernas e foi escorregando na poltrona até chegar a uma posição mais condizente com uma sala de terapia. A *Entrevista* tem um pouco disso, de psicólogo, provocando o outro a abrir a alma e deixar que areje o espírito, remexendo por muitas memórias, a ponto de descobrir o que estava lá esquecido, em um cantinho. Haroldo pôde pensar sobre a própria vida por outros aspectos, pôde ver de novas formas e revelar segredos que ficarão somente entre nós, como no sigilo ético do terapeuta.

Em meio à entrevista, o tom de voz também muda. A cadência pausada e séria da voz, que revela um pouco do advogado, ganha velocidade, permitindo transparecer o humorista, e se enche de vida para fazer uma brincadeira e relaxar os entrevistadores. Logo, a cadência retorna, preocupado que a velocidade da história nos atordoe. De longe, se conhece o Haroldo primeiro pelo riso para depois conhecer a seriedade, de perto é o contrário.

Em meio a esse *rebuliço*, descobrimos que Haroldo tem uma alma múltipla. É uma pessoa complexa, plural e singular. Coisa também não compreendida no prólogo da entrevista e foi confundida pelo próprio dono com uma alma fragmentada. Mas por que não ser tudo em um só? Cresceu humorista, se tornou professor e é advogado, além de cantor nos carnavais da vida.

Dizem que essa multiplicidade da alma de Haroldo é causada por um tal de TDAH, o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade. Um só encontro não é o suficiente para diagnosticar uma pessoa com TDAH, mas o homem me pareceu tão tranquilo, com nada daquela dita hiperatividade. Fiquei pensando: "Será que eu tenho isso também?" Haroldo não é diferente de ninguém, pelo contrário, é fácil

se identificar com ele. Será que isso de TDAH realmente existe? Só se for aquilo de querer assumir todas as tarefas do mundo. E, para *abraçar o mundo com as pernas*, ele anota tudo em mil agendas (é preciso ser organizado para fazer tudo caber no tempo, que já não é mais tão grande quanto antigamente).

Dessa alma, também faz parte ser um menino de origem simples, que tem um pai que batalhou para que pudesse estudar em um dos melhores colégios de Fortaleza. É também o espírito de um homem decidido, que se dedicou para se formar em direito na Universidade de Fortaleza (Unifor) — até levou algumas *chineladas* da mãe por estudar muito — e, mesmo com os problemas, atingir os objetivos.

Uma alma como a dele, inquieta, se mantém construindo novos propósitos para alcançar. Decidiu fazer direito, depois decidiu ser professor universitário, então decidiu escrever alguns livros — e conseguiu. A última decisão foi escrever um espetáculo humorístico e ser bem conhecido no Brasil todo. É, quando Haroldo se decide, mergulha profundo em tudo o que faz. Ganhou até alguns quilinhos, consequência do último mergulho "sem medo de ser feliz" no personagem Jesus, do filme *Shaolin do Sertão*.

Além dessas facetas e de outras mais, o riso faz parte de quem Haroldo é. A arte de rir de Haroldo vem da identificação com a vida, de fazer o outro rir de si mesmo e da expressão de um pouco da forma dele de ver a vida. E rir é mesmo parte da vida e da identidade de Haroldo. Não que não tenha havido momentos de dor que lhe roubaram o riso. Contudo, o riso faz parte da alma dele, é um dom e é a força que o ajudou a superar esses momentos. Enfim, a entrevista foi a descoberta de um homem que prova que contradições podem viver em harmonia em uma mesma alma.

**Equipe de Produção:**  
Rafael Queiroz  
Ruth Oliveira

**Entrevistadores:**  
Alana Lins  
Amanda Fontenele  
Ingrid Pedrosa  
Karine Nascimento  
Maurício Xavier  
Rafael Queiroz  
Rosilene Serafim  
Ruth Lene  
Sarah Yarina  
Thais Norões

**Texto de abertura:**  
Thais Norões

**Fotografia:**  
Filipe Pereira



Entrevista com Haroldo Guimarães, dia 27 de outubro de 2016.

**Ruth** – Haroldo, quando você percebeu o talento para o humor?

**Haroldo** – Honestamente, acho que talento é muito pretensioso. Eu fui começar a perceber mesmo quando eu descobri que, se eu fizesse os outros rirem, eu teria amizade mais fácil. Na alfabetização me colocaram num colégio esquisito, sabe? Eu não conhecia ninguém, estava num colégio menor e depois me colocaram num colégio maior, eu não falava com ninguém, eu era esquisito, eu era muito incomum, eu era o menino do cabelo grande. Então, ninguém falava comigo. Ninguém gostava de mim e tiravam onda porque eu parecia uma menina. Tu acreditas nisso, cara? É muita *esculhambação*! O pessoal me perguntava: “Tu é menino ou menina?” Às vezes, era uma dúvida plausível, outras vezes, era só o pessoal tirando onda mesmo. Então, como eu não cortava o cabelo, a turma tirava onda.

Depois, cortaram meu cabelo, mas eu continuei esquisito. Na primeira série, quando eu já estava me acostumando com o colégio, me passaram pra tarde e aí que eu não tinha amigo mesmo. Lembro-me muito bem de que eu comecei a brincar, fazer careta, tirar onda e o pessoal adorava e eu ficava popular. Foi de mau-caráter mesmo que eu era, fazendo *esculhambação*, ia ganhando amizades. Foi aí que isso aconteceu. Não foi uma coisa que nasceu dentro de mim... Mentira! Foi falta de caráter mesmo (*risos*).

**Rafael** – Na época do (*Colégio*) Lourenço Filho, você já tinha uma amizade com o (*ator*) Edmilson Filho? Como foi essa dupla na época da escola?

**Haroldo** – Eu o conheci superficialmente quando nós fazíamos a quarta série, eu de tarde e ele de manhã. Na quinta série, melhorou um pouquinho e, na sexta série, a gente começou a estudar junto e pronto. Nós nos tornamos os melhores amigos até hoje. Em 1989 nós firmamos a amizade mesmo desde o colégio. Tínhamos coisas parecidas. Éramos caras muito presos dentro de casa, pela circunstância de mera coincidência mesmo, meus pais me prendiam muito, os pais dele prendiam muito também. Eu, na minha casa, por conta de alguns dramas pessoais que meus pais viveram, eles acabaram achando que me protegiam melhor sem me deixar sair de casa pra nada. Clube, praia, nada,

nada, nada! Era casa-colégio, colégio-casa. E o esquema do Edmilson era parecido também. Então, o colégio era a nossa vida social toda. A gente descobriu também que, se nós fôssemos palhaços no colégio, nós seríamos mais normais. Pelo menos pra mim, essa coisa de ser engraçado foi mais por aceitação mesmo. Talvez eu seja naturalmente engraçado, mas eu noto que, pelo menos no começo, eu fazia pra ser aceito e ter mais amizades.

**Rafael** – Quando era mais novo, você já sonhava em ser humorista, fazer sucesso, esse tipo de coisa?

**Haroldo** – Havia uma ideia de que o Ceará é uma terra de humoristas. Então, nos anos 1990 o pessoal dizia pra mim e para o Edmilson que nós devíamos ser humoristas. Porque tinha o (*humorista cearense*) Tom Cavalcante, que na época fazia muito sucesso, hoje é um desconhecido pra vocês, mas o Tom Cavalcante, quando chegou (*no sentido de desponstou*), ele arrebentava, não tinha pra ninguém. Ele era o que tinha de mais moderno, ele era o que havia de engraçado, sempre se apresentava muito bem, era muito cuidadoso. Tinha o Chico Anysio (*falecido*), tinha o Renato Aragão, o Tiririca e os demais humoristas cearenses. E o pessoal sempre falava: “Pessoal, vocês são muito engraçados, vocês deveriam fazer show de humor”. Daí pensamos, “por que não? Vamos fazer.”

Depois disso, nos inscrevemos num festival de humor, perdemos, nem nos classificamos nesse festival. Chegamos lá achando que éramos engraçados e acabamos nem passando. Não tínhamos nos preparado. Resolvemos nos preparar para o próximo. O festival de humor do shopping Aldeota, que revelou o (*referindo-se a vários personagens do humor cearense*) Adamastor Pitaco, a *Escolástica*, o Wellington Muniz, a *Arineide de Camurupim*, esse a gente venceu. Eu tinha 16 anos e o Edmilson 17. A partir disso, eu tive certeza de que eu podia ser engraçado mesmo assim por cabeçada. Vi que era possível. Acho que nunca ninguém me perguntou como foi que eu comecei a ser engraçado. Pela primeira vez tô revelando que eu comecei essa historinha de humor pra poder ganhar os outros. Pra poder não ficar sozinho na sala.

**Thais** – E você participou de algum outro

Haroldo Guimarães nasceu no dia quatro de agosto de 1977, na Rua Justiniano de Serpa, em Fortaleza. Ainda quando garoto, a família se mudou para a casa na Duque de Caxias, onde os pais vivem até hoje.

Ruth é colega do diretor de *Cine Holliúdy e Shaolin do Sertão*, Halder Gomes, que passou o e-mail de Haroldo Guimarães para a equipe de produção tentar um primeiro contato. Sem sucesso.

Rafael e Ruth tiveram o primeiro contato com Haroldo numa jogada de sorte. Na época em que ambos tinham dificuldades de entrar em contato com ele, Haroldo veio promover o *Shaolin do Sertão* numa tarde na UFC. Foi a oportunidade perfeita!

festival de humor?

**Haroldo** – Com 16,17, anos eu tive de fazer o vestibular porque meu pai (*José Haroldo*) chegou pra mim e disse: “Olha, eu não estou criando você pra ser *Odete* nem pra ser humorista”. Ele quis dizer que eu não fosse nem humorista nem gay. Como se isso fosse influenciar porque, de fato, eu não era. Mas era um medo que ele tinha. Com relação a ser gay, ele conseguiu escapar, mas com relação a ser humorista eu acabei me tornando. Mas, fiz vestibular, passei pra Direito e, quando eu passei, rolou aquela pressão de virar advogado. Eu gosto muito de ser advogado como eu sou hoje, mas eu abandonei um pouco a vida de humorista e o Edmilson se tornou tricampeão brasileiro de *taekwondo*, também se afastando do humor. Na faculdade eu participei de um festival de humor junto com o Edmilson, mas eu estava tão alinhado ao Direito e ele ao *taekwondo* que não tivemos tempo nem de ensaiar e só tivemos uma menção honrosa no festival de humor do shopping Pizza. E melancolicamente acabou a nossa participação do humor naquele momento nos anos 90. Eu me formei e ele se tornou um atleta de alto nível e abandonamos pelo menos nessa época a história do humor.

**Rafael** – Você tinha outros planos artísticos pra seguir?

**Haroldo** – Quando eu fazia faculdade, eu tocava violão. E, quando eu tocava, confesso que não era por amor à arte, era pra agarrar as meninas mesmo. Vocês estão vendo que eu não tenho o menor caráter, né? (*risos*) Eu resolvi cantar também que pelo menos melhorava a *performance*. Tinha uns karaokês aqui em Fortaleza e comecei a tocar na noite pra ganhar o da cerveja. Eu pedia mesmo só o da cerveja e o do ônibus, queria nem muito dinheiro não. E fiquei nessa, era alguém que era humorista, cheguei a ganhar dinheiro fazendo show de humor, fiz show, antes de entrar na faculdade, no shopping Pizza, numa casa de show comandada pelo (*humorista*) *Ciro Santos* na Praia do Futuro, na churrasceria Avenida, no Hiper Mercantil, no shopping Ouro Verde, enfim, nos cantos que tinha humor em Fortaleza nós fizemos e foi legal.

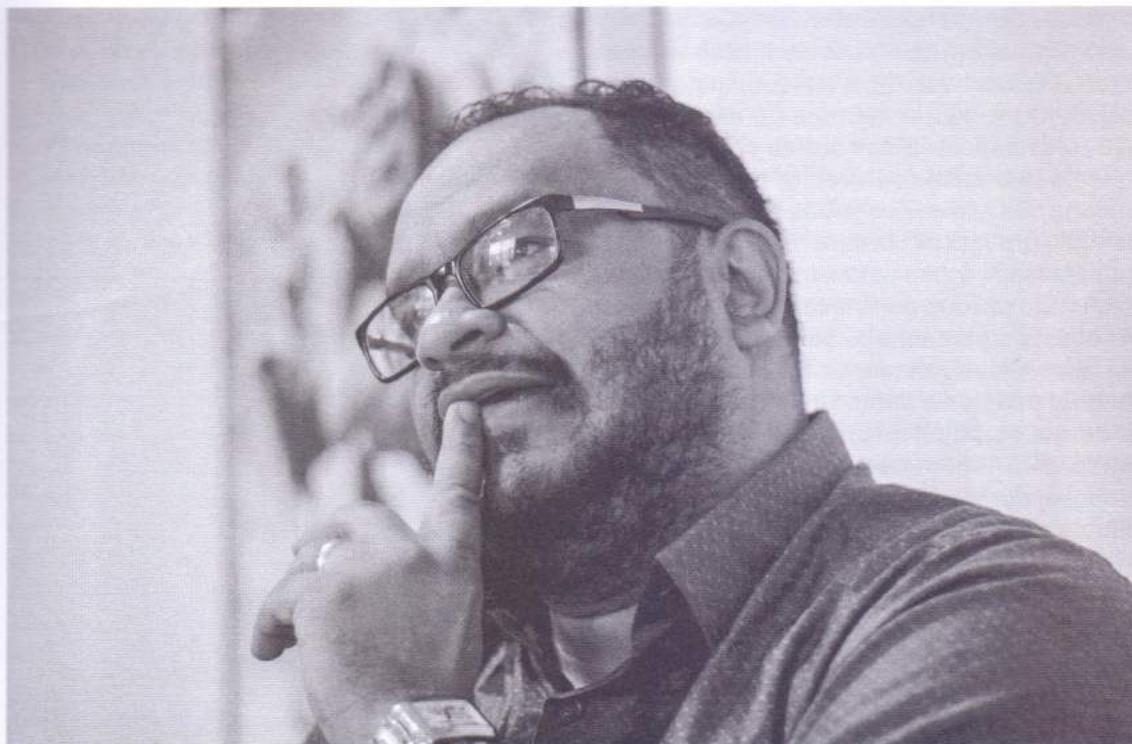
Mas, aos poucos, teve a questão do vestibular e do meu pai (*mais adiante isso é abordado na entrevista*) também que influenciaram muito. E, como a gente era muito preso, e nossos pais só deixavam nós sairmos pra fazer esses shows porque rolava uma pressão, porque saíamos nos jornais, saíamos na capa do segundo caderno, ficávamos conhecidos entre os humoristas e por causa disso eles deixavam. E fazíamos esses shows porque era a única maneira de sair de casa.

Quando Ruth e Rafael chegaram à residência do Haroldo para a pré-entrevista, Haroldo estava ao telefone resolvendo um problema do irmão, Heliado.

Teve uma situação em que uma empresa de turismo quis nos contratar pra fazer um show em Jericoacoara (*praia no litoral oeste do Ceará*) com tudo pago, o carro pegava e deixava em casa, se quisesse um adulto ir com a gente poderia também, estadia, muita comida, um cachê *massa* e tudo. E ficamos naquela: “Pede pra tua mãe, Edmilson”. E ele: “Não, pede pra tua”. E ficamos nessa teimosia e, resumindo, pedimos para nossas mães e nenhuma deixou e acabou que não fomos. Ficamos muito chateados nessa época. Eu fui conhecer o (*shopping*) *Iguatemi* quando tinha uns 17 anos. Chegando lá, a minha irmã mais velha (*Heliara*) pagou um daqueles brinquedos que só entra criança de 13 anos, uns negócio que voava. E eu achei um máximo, cara! Mas eu ficava encabulado porque eu me achava grande demais pra dizer que estava feliz ali.

Essa restrição comigo lá em casa é porque eu tenho uma irmã que, dizem, ela era muito inteligente, começou a falar em inglês só, começou a tocar piano só, tinha alta *performance* estudantil e ela, do nada, enlouqueceu. Ela se tornou esquizofrênica. E meus pais se culpavam a vida toda por isso. Eles a levaram pra todo tipo de coisa pra curá-la, centro espírita, macumba, o psiquiatra mais famoso da América Latina, reza, choque elétrico, remédio, enfim, eles viram a minha irmã adoecendo, deixando a realidade e isso foi muito sofrível.

Eu lembro que, quando criança, a mamãe dizia o seguinte: “Olha, Haroldo se você vê a Heliara falando sozinha você vem me chamar”. E, quando eu via e avisava a mamãe, ela já vinha logo com raiva: “Para Heliara de conversar só”. Quando a mamãe saía, ela voltava à conversa. E isso foi um processo ruim porque, quando a mamãe me pegava estudando, ela não gostava. Eu sempre fui muito bom nos estudos, mas a mamãe não gostava de me ver estudando. E, quando eu estudava de madrugada – que é um horário que nós preferimos, desde anos 80 em diante a juventude achou a madrugada pra estudar porque, de fato, é bem melhor, tem o silêncio, a calma –, quando eu fazia isso, ela ficava *puta, velho!* Ela puxava minhas orelhas que até hoje sinto a quentura ao lembrar. Eu parava porque ela ficava preocupada. Com isso não queria que eu saísse de casa também. No caso do Edmilson não sair de casa é porque acho que os pais deles eram ruins mesmo, não saía nem a pau (*risos*). Minha vida era o colégio e a vida do Edmilson era o colégio também. Todo mundo era feliz, todo mundo transava e nós, não. Aí pensei: “Vou me escorar nesse cara que parece comigo, ele parece comigo e eu com ele”. E foi resol-



Haroldo recebeu Ruth e Rafael bem informal e calorosamente na residência da Rua Pereira Valente para a pré-entrevista. Inclusive, presenteou os dois produtores com uma garrafa de vinho português.

---

“Eu fui começar a perceber mesmo quando eu descobri que, se eu fizesse os outros rirem, eu teria amizade mais fácil”

---

vida a questão.

**Karine** – Haroldo, quanto ao Cine Holliúdy (*comédia de 2013, direção de Halder Gomes*), como surgiu a oportunidade de entrar no elenco?

**Haroldo** – Quando eu fiz um show de humor com o Edmilson, em 1983, o dono da academia que o Edmilson lutava foi assistir. Esse cara foi ver nosso show e ele nos disse que nunca tinha rido tanto na vida aqui no Ceará. A gente não acreditava muito, mas ele fazia caravana de amigos pra levar para os nossos shows. Acontece que esse cara nunca esqueceu. E esse cara tinha um sonho de ser cineasta um dia, que é o Halder Gomes. Depois disso, o Halder foi estagiar fora, levou pau, foi dublê, trabalhou com luz, rebatedor, trabalhou em quase todas as funções no cinema. Conseguiu fazer um filme, depois fez outro, foi assistente de direção no filme *Mães de Chico Xavier* (filme brasileiro de 2011, dirigido por Glauber Filho), uma infinidade de coisas depois ele teve a oportunidade de fazer um curta-metragem engraçado. E, como ele conhecia o Edmilson e o achava engraçado, chamou pra ser o ator do *Astista contra o Cabra do Mal* – é um curta como se fosse um

protótipo do Cine Holliúdy. Ele recebeu uma pequena verba pra fazer esse curta, por sinal. O Edmilson não precisou fazer teste porque ele já era o ator que o Halder procurava, porque ele é o único cara com habilidades em artes marciais, que sabe passar isso fielmente e com humor. Ninguém no Brasil faz um humor físico como ele faz. Ele é insuperável nesse aspecto de usar o corpo como expressão humorística. E isso não é minha opinião, é a opinião do Fernando Meireles (*cineasta*), do Cacá Diegues (*cineasta*) e a opinião de muita gente boa da área.

Eu já advogado, o Halder liga pra mim e pergunta: “Haroldo, tu não quer fazer um teste aqui não, pra um curta-metragem pra fazer um papel engraçado?” Eu pensei: “É, curta metragem ninguém assiste mesmo ou só mesmo a negrada do cinema e audiovisual, ninguém vai assistir isso e não vai foder com a minha advocacia, então não tem problema”. Eu trabalhava num escritório de advocacia e o cara me mandou me deixar no teste no carro. Cheguei lá, 200 atores pra fazer esse teste, pra *porra* do mesmo papel que eu ia fazer! Eu de paletó e gravata e o pessoal tudo já com perfil de ator.

Haroldo Guimarães cuida de dois gatinhos de estimação no apartamento. Um deles, Joaquim, tem a patinha defeituosa e, consequentemente, dificuldade de locomoção.

Na despedida da pré-entrevista, Haroldo Guimarães disse para o Rafael que estaria à disposição no Whatsapp para responder qualquer dúvida de política ou direito que ele tivesse.

O que eu vou falar é sem nenhum preconceito porque um dos meus melhores amigos, o (ator) Denis Lacerda, é travesti então o que eu vou dizer aqui é meramente exemplificativo. Mas a maioria dos atores são gays. E a maioria dos atores se vestem descolados. A maioria dos atores são felizes e eu cheguei de paletó e gravata pra fazer o teste. E o pessoal que estava lá é que estavam com preconceito comigo porque eu estava de paletó. (risos) Fiz o teste e percebi que o pessoal dentro do estúdio estava gostando. E acabei fazendo foi dois papéis no filme. Um cara que repete as coisas e o papel de um chinês... Eu pareço muito com um chinês se você prestar bem atenção, durante uns sete dias você vai notar que pareço. (risos)

O curta metragem bombou. Passou em 40 países, ganhou uns 20 prêmios internacionais e uma cineasta chamada Ana Maria Bahiana (que também é jornalista e radicada nos Estados Unidos), amiga do Halder, falou pra ele que ele tinha uma joia na mão. Falou pra ele transformar o curta em longa-metragem que ela tinha certeza de que ele iria se dar bem. O Halder acreditou nisso, muito embora todos falassem que não. Por conta do tom muito regional as pessoas duvidavam muito. Porque era uma época que a cearensidade não era muito bem recebida como é hoje.

O longa foi feito em 2010, mas ele passou três anos para ser lançado porque não tinha quem quisesse lançar. Não tinha um cinema que tivesse coragem de botar. Ficamos arrasados achando que não iria dar certo. Mas o Halder não desistiu. Ele fez o filme com o maior esforço, com um orçamento lá embaixo, na época tinha nada digital. Você tinha o filme mesmo, película, e você tinha de economizar o número de takes pra economizar as

---

**“Eu gosto muito de ser advogado como eu sou hoje, mas eu abandonei um pouco a vida de humorista e o Edmilson se tornou tricampeão brasileiro de taekwondo, também se afastando do humor”.**

---

A reunião de pauta ocorreu na terça-feira, dia 25 de outubro. Enquanto a entrevista teve o desenlace no dia 27 de outubro, às 14h30min.



películas. Foi muito difícil. Até que surgiu um cara da *Downtown Filmes*, que apostou no Halder pra lançar só aqui no Ceará, porque ele não tinha coragem de lançar fora, não. Porque você tem de investir uma grana pra transformar o filme em rolo pra poder distribuir para os cinemas. O cara colocou em sete salas no Ceará e em menos de um semana bateu o recorde nacional em média de bilheteria. Dentro da linguagem do cinema, o *Cine Holliúdy* é um terremoto. Um filme com baixíssimo orçamento que vende 500 mil ingressos só em um Estado e em sete salas, bicho, é coisa de louco! Filmes de Hollywood vem com 800 salas aqui no Brasil só para lançamento.

Aconteceu outra coisa com o *Cine Holliúdy*: o cara para mostrar que é inteligente aqui no Ceará ele fala mal de *Cine Holliúdy*. E lá no Sul para o cara se mostrar de inteligente, ele fala bem do filme. Se você der um google sobre as críticas dos dois filmes, as únicas ruins são das pessoas do Ceará. E o pior é o perfil dos caras: 24 anos, recém-formados em jornalismo, nunca entraram num set de cinema. É triste! O cara não sabe nem o que é uma plongée, um contra-plongée (refere-se às técnicas de filmagem. A primeira consiste em filmar uma pessoa ou um objeto de cima para baixo; a segunda, o contrário), um plano aberto e um fechado, não sabe o que é uma panorâmica, não sabe a diferença entre montagem e edição e quer vir dar um opinião totalmente fora do contexto. A gente

fica até meio chateado quando vemos uma coisa dessas. Muito *paia* mesmo!

**Maurício** – Você tinha experiência como comediante, mas não tinha como ator. Como foi essa transição?

**Haroldo** – *Macho*, foi muito fácil, uma sorte danada! Foi impressionante! Sei lá, talvez seja assim. Mas foi muito fácil. Os atores tudo nervosos, tremendo, errando texto e toda vez que eu mando um texto é com um *cacoete* diferente e sai mais engraçado. Entre o *Cine Holliúdy* e o *Shaolin do Sertão* (também dirigido pelo Halder Gomes), eu fiz uma participação lá no Rio no filme *Vestidos para Casar*, com o Leandro Hassum, eu apareci muito pouco, mas, quando aparecia, o pessoal da técnica ria, no curta também era do mesmo jeito, assim como no *Cine Holliúdy*, do mesmo jeito, assim como no *Shaolin do Sertão*. Eu aparecia pouco, mas, quando aparecia, a negrada se abria. Eu tenho tido sorte.

Mas pronto: eu não tive essa mesma sorte na advocacia. Eu sou um advogado razoável. Eu vivo da advocacia, eu custeio um padrão de vida razoável, mas eu não sou um advogado brilhante. Isso eu tenho certeza. Eu demorei muito pra chegar lá e conheço caras que acabaram de se formar e ficaram milionários. Então é isso, talvez seja talento, talvez seja sorte, mas pra atuar sempre foi mais fácil pra mim. Por exemplo, no *Shaolin do Sertão* eu já sabia que iria fazer um papel muito pequeno, e o que eu fiz foi estudar algumas referências artísticas de atores e personagens pra fazer o personagem que fiz, me concentrei na figura dele, na fala dele. Enfim, mesmo ele aparecendo pouco, que a negrada pudesse lembrar dele. Esse era o meu projeto. Até porque no filme tem vários atores nacionais de renome. Mas eu queria fazer um personagem que, quando as pessoas batessem o olho, elas se abrissem de rir.

Estudei um cara chamado Zach Galifianakis, o gordinho do filme *Se Beber não Case*. Fui atrás também do poeta Mário Gomes (já falecido), um poeta de Fortaleza que vivia de paletó e gravata rodando no meio do tempo e se sentia o dono da Praça (*do Ferreira*) e de Fortaleza. E foi a melhor fase da minha vida porque eu podia engordar. Engordei 15kg a mais. Foi lindo o processo de engordar. (*risos*) Deixei a barba crescer, cabelão grande, fiquei um ogro muito doido, inventei umas calças pra cima, partindo os “zôvo” no meio e disse: “Pronto, é esse mesmo que quero ser, vai ser um choque.” E foi dito e feito, o que eu projetei deu certinho.

Mas na advocacia não é assim, *cara*, quando eu planejo uma coisa, nunca dar certo. (*risos*) Como professor também não é assim, embora eu seja um professor festejado, salas

sempre lotadas, acho que dou uma aula razoável, mas no set as coisas funcionam muito mais fáceis. Não sei por que, *macho*! Acho que é sorte, vamos ver até quando vai durar. Às vezes, eu tenho medo de não dar mais certo, por exemplo, se no próximo filme eu não ser mais engraçado.

O Marcos Veras, um ator que participa do *Shaolin*, chegou pra mim e disse: “Olha, eu admiro você porque você tem um des-pudor.” Porque todo ator tem um vergonhazinha, ele quer aparecer bonito na tela, ele quer ser fofo, ele quer ser sedutor e eu não. Eu tiraria um dente tranquilamente (*se fosse preciso pra viver um personagem*). Eu beijaria na boca um homem. Pela atuação eu faria um negócio muito doido. E meu sonho hoje é me tornar o melhor ator do Brasil. Eu tô muito longe disso, claro, acho que é possível um dia. Eu tenho esse sonho. Se eu estudar muito, eu posso chegar lá.

**Alana** – Haroldo, você disse na pré-entrevista que tinha medo de o filme prejudicar a carreira como advogado. Eu quero saber como é pra você conciliar a carreira de ator com a de advogado.

**Haroldo** – Hoje em dia está mais fácil. No começo, o meu medo era a minha clientela e possíveis novos clientes não gostarem do fato de eu ser ator do *Cine Holliúdy*. Isso me apavorou muito! Quando estourou o trailer do filme, com mais de um milhão de visualizações e as pessoas começaram a falar do meu personagem que aparece no final repetindo umas besteiras, eu já fiquei apavorado e dei uma sumida.

Mas, depois, aconteceram umas situações que eu fiquei me perguntando sobre tudo isso. Ocorreu que uma vez eu fui falar com o desembargador aqui perto do Tribunal do Trabalho a respeito do processo de um cliente meu importante e ele falou: “Doutor Haroldo, nós já conversamos o que tínhamos pra conversar, você pode esperar um pouquinho?” Eu assustado falei: “Por quê?” “Porque meu neto está chegando aí pra tirar uma foto como senhor”. Outra vez, com um juiz federal que prende todo mundo, super sério e no meio da audiência ele: “Eu vou pra esse filme, eu vou pra esse filme”.

Hoje as pessoas que não são do Direito me conhecem mais. Mas antes eu fiquei famoso primeiro dentro da galera do Direito. E sempre ouvia: “Macho, tem um advogado que é do *Cine Holliúdy*”, “Tem um professor de Direito que é do *Cine Holliúdy*”. E hoje eu acho ótimo que eu não preciso de paletó. Aqui sou eu e foda-se! Quando eu ficar mais rico e conhecido, eu vou colocar uns *dreads*, bicho (*risos*). Porque é mais fácil sendo conhecido você se impor.

Na reunião de pauta, foi decidido que a primeira parte da entrevista seria dedicada à vida humorística e artística de Haroldo Guimarães, enquanto a segunda focaria na vida íntima e familiar.

Haroldo procurou vir bem vestido para a entrevista. Estava vestindo uma calça comprida, camisa social abotoada e uma chinela para ficar mais à vontade.

Haroldo parecia um pouco sério e tenso quando desceu do apartamento e nos encontrou no local da entrevista, porém, já na primeira pergunta, começou a se soltar e ficar à vontade.

“Quando eu fazia faculdade eu tocava violão. E quando eu tocava confesso que não era por amor à arte, era pra agarrar as meninas mesmo”.

Eu cursava História e Direito. Na História eu era considerado meio *playboy* e no curso de Direito eu era considerado comunista, meio maconheiro. Eu tinha a orelha furada, andava de chinela, é possível que eu tenha fumado maconha alguma vez na vida, eu não me lembro, mas é possível (*aqui o riso tomou de conta da sala*), eu sempre fui muito à vontade.

Mas o Direito te coloca no lugar. Não que seja o lugar correto. Você tem de andar muito bem vestido. Por exemplo, você está com seu filho preso, você é descolada, você é do Psol (*Partido Socialismo e Liberdade*), pró-aborto, pró-vida, mas seu filho está preso e você tem dois advogados pra escolher, tem um bem vestido e um mal vestido, um do carro grande e outro com o carro pequeno e por causa do seu filho você vai escolher o que está bem vestido e tem carro grande. Isso é um fato. No Direito tem muito desses preconceitos e foi muito doloroso pra mim no começo.

Mas, agora que meu valor está provado, estou escrevendo um livro de Direito do Trabalho para âmbito nacional, está provado que eu não sou nenhum ignorante em Direito e eu sou estabilizado na profissão tam-

bém, aos poucos vou levando de boa, daqui a pouco vou andar é nu nos cantos, sabe? (*risos*) Porque eu estou muito à vontade.

**Alana** – Então, não tem nenhum caso que você lembra que alguém deixou de contratá-lo por você ser assim?

**Haroldo** – Só se eu não soube. Por exemplo, eu advogo no maior empreendimento econômico do Ceará, que se chama Companhia Siderúrgica do Pecém, advogo na obra lá. E, quando eu chego lá, eu sou uma celebridade, tiram foto comigo e tudo. No começo eu ia só de paletó, hoje já vou à vontade. Então, a condição de ator acabou me ajudando na advocacia. Eu acho. Porque eu tinha uma advocacia razoável até 2013, e desse ano em diante a advocacia só melhorou.

**Sarah** – Haroldo, na sala de aula, você também é humorista?

**Haroldo** – Sou muito pior! É uma esculhambação minha aula. Sempre reclamaram de mim porque eu brincava muito em sala de aula. E eu resolvi continuar brincando, mas todas as brincadeiras são atreladas ao conteúdo da matéria que eu estou explicando. Toda putaria é um exemplo de Direito do Trabalho. Depois que eu fiz isso, minha vida mudou. Deixei de me sabotar. Eu deixei de



Haroldo é um grande fã de Michael Jackson, ídolo na adolescência. No interior do apartamento tem quadros do artista norte-americano na parede.

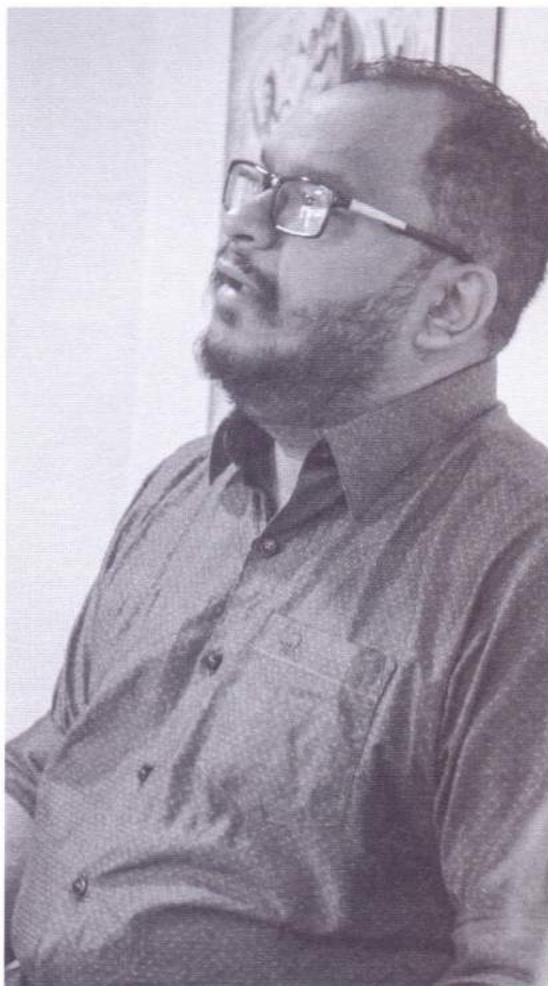
ir contra isso. E o pessoal adora, até filmam, colocam na internet e tudo. Isso foi o pulo do gato! Então, por enquanto está ajudando, agora eu não sei como vai ser no futuro. Talvez eu tenha de fazer a escolha algum dia, talvez. Adoraria fazer de tudo. Mas no momento eu queria que esse lado de ator/comediante crescesse mais e eu conseguisse ajeitar o meu escritório de advocacia de um jeito que ele fosse tocado sem mim. E eu só precisasse chegar no escritório para captar novos clientes.

**Thaís** – Haroldo, você pretende fazer algum curso de teatro ou de atuação?

**Haroldo** – *(fica um pouco em silêncio)* Até pouco tempo me convidaram pra fazer O Tablado *(Escola de Teatro fundada em 1951, por Maria Clara Machado)* no Rio de Janeiro. Mas eu teria de morar no Rio, né? E isso não faz parte dos meus planos. Sem demérito nenhum, os cursos daqui são legais, mas não dar pra eu fazer mais aqui por uma questão de tempo. Valeria a pena eu interromper algum projeto da minha vida pra fazer o Tablado. Não que o Tablado seja muito melhor que os outros, mas porque, quando você faz, você já está inserido dentro do pessoal lá, dos atores do Rio de Janeiro e é muito mais fácil, você é sempre lembrado pra fazer trabalhos. É muito mais fácil lá no Rio do que aqui no Ceará, onde eu estou isolado. E a gente sabe que o Sudeste é o lugar que tem grandes trabalhos para todos. Por isso eu digo que agora não. Não pretendo fazer nenhum curso. É um tiro mais certo pra mim se nos próximos papéis que eu fizer no cinema eu ir muito bem. Não que não seja bom fazer o curso, mas eu já passei por muita coisa, já fiz muita coisa. Então, se eu for muito bom nos próximos filmes e eu continuar tendo essa sorte, eu vou atalhar. Vou ter um atalho em razão do meu objetivo, que é de ser um ator reconhecido nacionalmente. É um aprendizado também. A pré-produção do cinema e a pré-produção do seu personagem durante o *set*, isso tudo traz aprendizado. É um aprendizado você assistir ao filme e se ver. Eu já fui ver o *Shaolin* umas cinco vezes.

**Alana** – Quem é o crítico do seu trabalho em que você mais confia? Alguém que diz se está bom ou se está ruim e você confia mesmo?

**Haroldo** – *Égua, cara! Aí, tu me pegou.* Você conseguiu gerar uma reflexão em mim. Pouca gente está criticando, por isso que tem algo errado aí. É complicado. Mas eu prefiro confiar muito na risada. Meu irmão, se eu faço no *set* o cara que está filmando se prender pra rir, eu fico tranquilo porque vejo que tá dando certo. Isso que me motiva: a risada. Por isso, a relação entre fazer rir e



chorar que eu faço, porque o riso é mais espontâneo. O riso mostra imediatamente que está dando certo. Dizem que isso não é correto no cinema, mas eu faço de tudo pra que as pessoas que estão envolvidas com a cena riem. É o meu medidor. Então, eu tiro por aí. Mas seria melhor mesmo que eu ouvisse críticas. O que eu escuto de crítica é que o meu papel é pequeno. Eu acho ótimo! Se as pessoas acham que está pequeno é porque de alguma forma querem me ver mais. Esse é que é o barato, fazer falta.

**Rafael** – Haroldo, você gosta muito de postar vídeos na internet e esses vídeos fazem um sucesso absurdo. Como você pensa nos temas pra esses vídeos?

**Haroldo** – De fato foi uma mão na roda. Porque eu queria voltar a fazer arte. Eu tinha feito só o *Cine Holliúdy* e depois mais nada. E eu queria voltar a ter um contato com o público de novo. Com relação à arte, mas eu não encontrava um caminho, porque todos os caminhos anulavam a minha condição de professor e advogado, todos eram assim. E eu sempre fui uma pessoa que gosta de dar opinião e queria uma coisa que conectasse tudo isso. E não me vinha ideia alguma de juntar humor com conteúdo. Aí, eu nem

Haroldo é muito engajado politicamente. Ele, rotineiramente, faz vídeos na página do Facebook comentando sobre a conjuntura política do País. Durante a pré-entrevista, ele dedicou falas sobre a Operação Lava-Jato.

Haroldo é um costumaz crítico tanto do espectro político esquerdista quanto do direitista. Ele diz ter sentido na pele as mentiras e hipocrisias existentes nos dois lados durante a carreira como advogado e estudante universitário.

O pai de Haroldo Guimarães foi jogador de futebol na década de 1950 e campeão cearense pela equipe do Gentilândia, em 1956. O Seu José Haroldo atuava como ponta-direita.



“(...) eu cheguei de paletó e gravata pra fazer o teste. E o pessoal que estava lá é que estava com preconceito comigo porque eu estava de paletó.”



Antes de começar a estudar Direito, Seu José Haroldo era cobrador de dívidas. Uma profissão que não mais existe. A mãe, Dona Eliedira, sempre foi dona de casa.

pensei nisso, mas a turma me perguntou se a Xuxa (apresentadora de programa de TV) após sair da Globo tinha direitos trabalhistas. E fiz um vídeo explicando que a Xuxa tinha direitos trabalhistas. Fiz um vídeo na base da *putaria* mesmo, cantando as músicas dela e explicando os direitos que ela tinha. Um vídeo de dois a três minutos mesmo. Coloquei na Internet na cara de pau mesmo! Porque eu pensei que, apesar das besteiras, ali tinha conteúdo de direito do trabalho. E sofisticadíssimo. Aconteceu que eu saí, almocei e quando eu voltei tinha 20 mil visualizações. E pensei: “Meu irmão, que diabo é isso? O que aconteceu?” E eu vi que realmente era aquilo. A turma achou engraçado, mas a turma quer aprender também. Queriam ouvir uma opinião sem ser o dono da verdade. É um modelo interessante. Foi isso que me estimulou. Estou até fazendo um pouco menos agora porque eu estou dedicado a divulgar o filme. Foi bem intuitivo. Bem natural. Eu ficava até pensando: “Meu irmão, não vai ter nada? É só isso mesmo?” Eu vi que era possível. E mais: quero fazer uma aula espetáculo misturando conteúdo com as putarias que eu falo.

**Ingrid** – Como você faz pra escolher o tema de cada vídeo? É mais pelo que está

acontecendo?

**Haroldo** – É. Agora estou numa fase menos polêmica. Mas é tudo na base do que está acontecendo mesmo, e, como eu sempre gostava de discutir com os outros, eu aproveitei isso. Sei lá, (*o deputado federal Silas*) Malafaia falava alguma merda eu ia lá e falava sobre o Malafaia no vídeo, mesma coisa com *Impeachment*, PT e eu sempre tenho uma opinião pra tudo. Pode soar até chato, mas o que alivia é que eu mudo de opinião muito fácil. Em sala de aula eu sou convencido. Sou bem facinho! Eu nunca tenho certezas. Por exemplo, hoje em dia, por mais que você não seja nem *coxinha* nem *petralha* as pessoas querem te colocar na caixinha, não tem jeito. Tanto que inventaram até uma terceira caixa que é a do *isentão*. Mas eu deixo todos insatisfeitos, eu deixo insatisfeito o *coxinha*, o *petralha* e o *isentão*, porque eu sou muito comprometido com minha opinião. Aí, eu distribuo raiva para todo mundo mesmo. Isso pode ser que afaste muitas pessoas, mas também atraí porque as pessoas veem que eu tenho minhas opiniões.

**Sarah** – Haroldo, a gente viu na pré-entrevista que você pretende lançar um espetáculo solo. Como vai ser?

**Haroldo** – (*Aqui, antes de responder, Haroldo brinca com as covinhas que Sarah tem no rosto e a turma cai no riso*) Eu tenho o roteiro, mas dei uma parada por causa do livro que estou escrevendo, mas o Edmilson e Halder estão escrevendo algumas coisas. O problema é a agenda porque já tem o filme e o livro, então está um pouco complicado. Eu queria muito que fosse até o final do ano, mas tá difícil! Talvez fique para o começo do próximo ano mesmo. Que vai bater com as filmagens do *Cine Holliúdy 2*. E, se bater mesmo, vai ter de ser após as filmagens. Mas eu preciso desse espetáculo. Muita gente quer ver. Eu faço muito mais coisa. Eu posso colocar a música a serviço do humor, eu posso colocar alguns conhecimentos humildes que eu tenho a serviço do humor, posso cantar, posso dançar. Eu fazia muita coisa quando eu fazia show de humor com o Edmilson. E eu quero muito voltar a fazer isso.

**Sarah** – E você já pensou em participar do Festival de Humor de Maranguape? Já conheceu?

**Haroldo** – Já conheci, mas não me interessei. Porque de tão importante que é esse festival eu daria um passo pra trás. É festival massa e tudo, mas eu não posso fazer. O Edmilson já me proibiu de fazer muita coisa, *macho!* “Haroldo, tu é doido macho, tu com 65 mil seguidores vai se apresentar em churrascaria?” Ele fica puto com isso. Ele me convenceu que eu não posso dar passos pra

trás. Muitas empresas me contatam pra fazer propaganda na TV e na Internet. Eu não faço se não me pagarem muito bem.

Por exemplo, se eu fizer um show em Maranguape, eu não loto mais o (*teatro do shopping*) *ViaSul*. Eu loto o *ViaSul* se eu fizer uma propaganda do *caralho!* Daí, eu sei que a negrada tem coragem de pagar ingresso de 90 contos. É só uma questão mercadológica, isso não tem nada a ver com a importância do festival.

**Alana** – Na Internet as pessoas sempre querem ser muito engraçadas e vemos muitas piadas que são preconceituosas, prejudiciais mesmo. Você já sentiu em algum momento que seu humor já ofendeu alguém?

**Haroldo** – (*Pausa*) Ofendeu. Por exemplo, eu fiz dois vídeos *frescando* com o Malafaia e ofendeu quem gosta dele. Eu não sei se a palavra certa é ofensivo, mas mexe com o cara. Eu me preocupo mais com uma coisa... Por exemplo, eu fiz uma postagem dizendo: “Parabéns ao Ministério Público pela prisão de 44 policiais acerca da chacina do Curió (*referindo-se à morte de 11 jovens adolescentes na periferia de Fortaleza em 2015, cuja acusação paira sobre policiais militares*).” Achei massa porque eu sou pretinho também e morei ali perto do Morro do Ouro (*comunidade pobre no bairro Otávio Bonfim*) e sei como é morar naquele local. Sei o que é estar no lugar errado e na hora errada, já levei muita mãozada de policial, mas eu não sou revoltado com isso não. Eu acho que isso precisa mudar, mas nem todo policial é ruim, não. Mas veio uma aluna de pós-graduação conversar comigo. Ela me falou que é esposa de policial e o melhor amigo dele está preso só porque estava trabalhando no dia da ocorrência. E ela jurou por Deus que ele é inocente. E ele era fã de mim e viu minha postagem parabenizando o Ministério Público e o Poder Judiciário por ter prendido 44 pessoas. E ela me disse que é possível que entre os 44 presos existam pessoas inocentes, e os juízes e promotores também erram. Ela falou isso de uma forma tão elegante que eu me senti um pedaço de cocô enrolado numa fita. Aí eu percebi a responsabilidade do que eu falo. Eu realmente tenho de prestar mais atenção no que eu falo pra não causar infelicidade nas pessoas. (*Aqui, Haroldo quis deixar explícito essa passagem porque achou honesto fazer essa justificativa pra essa pessoa, como um pedido de desculpas publicamente*)

Às vezes, eu quero me meter a sabichão, mas eu aprendo muito com meus alunos, com as pessoas que converso, e o medinho que eu tenho é de querer ser o dono da verdade, sabe? Porque todo dia eu posso reavaliar o que eu estou dizendo e mudar de

Segundo Haroldo Guimarães, a mãe, Dona Eliedira Trigueiro Guimarães, achou o pai, José Haroldo, um bom partido por ele ter carteira assinada, apesar de ser pobre.

Dona Eliedira é muito ligada à religião. Ela tem uma vasta coleção de livros religiosos em casa: de espiritismo, de catolicismo, de filosofia oriental.

Durante uma das divagações na pré-entrevista em que Haroldo perdeu o fio da meada do que estava falando, ele olhou para Rafael e Ruthy e falou: "Eu não sei mais o que estou falando. Quem são vocês? O que vocês estão fazendo aqui?"

---

**"Eu sou um advogado razoável. Eu vivo da advocacia, eu custeio um padrão de vida razoável, mas eu não sou um advogado brilhante. Isso eu tenho certeza".**

---



Na época do drama da aposentadoria do pai, Haroldo Guimarães estudou a fundo o tema e elaborou uma tese de defesa. Ele saiu batendo na porta de renomados juristas cearenses pedindo apoio para a tese.

opinião com base no que acontece. Isso é o que me apavora. Eu não tenho medo de fazer piada e ofender não. Por exemplo, eu faço piada com gay. Eu faço demais. Mas a piada não é a condição de ser gay. Eu fiz um fanho no filme, a piada é o fanho? A piada é ele achar que fala bem para caralho. Podia ser um cara que só falasse inglês e está tentando falar em português. A piada não é a condição de fanho, mas não é mesmo! Claro que às vezes o filme do Halder tem a aquela bicha estereotipada, mas ele diz: "Haroldo, lamentavelmente isso até minha dá uma dor, mas existe a bicha estereotipada no interior do Ceará. E meus filmes são retratos do interior do Ceará". Assim, *porra*, eu não sei como diria isso, gente! O Halder tem pessoa na família dele que é gay, que é fã dele, então ele não faria essa maldade. Tem a bicha estereotipada do interior e tem bichas do interior que você não sabe que é bicha. Quem foi que disse que o Aluísio Lima não é gay, que ele não é bissexual? Existem pessoas estereotipadas, existe o engraçadinho, existe a bicha "louca", a bicha circunspecta, a bicha contida. E o fato é que, no interior nos anos 1970 e 80, existia a bichinha de quem a *negada mangava* no meio da rua. Ele (*Halder*) diz: "Haroldo, é sempre uma escolha dramática que eu faço, que tem seu custo, mas enquanto eu for fazer uma comédia de estereótipos do interior do Ceará dos anos 70, eu vou ter de botar o bêbado, a bichinha, o valentão, se não os filmes não vão acontecer." *Amarcord* (filme biográfico de Federico Fellini, de 1973) não vai acontecer, não vão acontecer filmes famosos da história da humanidade, porque pode ter tudo, pode ter o fortão, só não pode ter a bicha estereotipada.

Gente, estereótipo é uma coisa muito comum na humanidade. Existe o estereótipo do cara cabeludo da UFC, existe! Está aqui um (*apontando para o Maurício*)! É o cabeludo da UFC! Tem muito menos no curso de Direito da Unichristus, que, na verdade, não tem nenhum. Existe o estereótipo do professor charmoso da UFC, *chapeuzão*, cabelo grande, existe (*apontando para o professor Ronaldo*)! A vida é desse jeito! E quem fez o papel foi o Denis Lacerda! O Denis não é gay não, é travesti e um dos meus melhores amigos! Dorme aqui em casa direto e para mim é o melhor artista do Brasil. E fez numa boa!

Enfim, de fato, é uma questão sensível para a gente refletir. A gente precisa refletir bastante, agora a gente não pode exagerar. Porque, por exemplo, eu vivi situação de preconceito. Eu sei o que é preconceito e eu detesto quando alguém quer me ensinar. Eu fico muito puta! *Tá aí*, a primeira vez que fico nervoso hoje. Porque eu já fui tira-

do de elevador, já fui humilhado pelos pais da namorada, já deixei de ter um cliente por causa da cor da pele, eu já fui vítima de preconceito em processo seletivo para mestrao, eu já fui vítima de preconceito em várias situações. Eu saindo de bicicleta do prédio onde eu morava e o porteiro me pediu: "Ei, deixa a chave da obra!" E eu: "Como deixar a chave da obra? Eu sou morador!" No que ele replicou: "Opa, desculpe doutor, desculpe doutor, desculpe doutor!" Outra vez eu chegando de bicicleta na faculdade e a aluna correndo de mim, com medo de mim.

Nisso o cara chega para mim: "Não pode falar a palavra denegrir, por que é preconceituoso e parte do pressuposto de que negro é pior". Não, isso não é preconceito, *macho*! É idioma. Não quer dizer que porque o autor de teatro *deu um branco* durante a peça, é preconceito contra branco, ou quando eu for dar em cima da menina e eu *amarelar*, é preconceito contra amarelo. Quando eu recebo uma *grana preta*, eu parto do pressuposto de que negro é bom? É só uma palavra! Não queira me ensinar sobre preconceito não, *macho*! Eu já passei tanto por isso e a *negada* vem querer *cagar regra*!

O mundo hoje é melhor. A gente falar sobre isso é bom, porque na minha época a gente nem sabia que existiam esses problemas. A geração de vocês é muito mais antenada, muito mais ligada ao próximo. A gente tem muito o que aprender.

**Rafael** – Haroldo, você comentou na pré-entrevista que já teve proposta para sair da ci-

dade. De que forma sua família pesou nisso?

**Haroldo** – *Macho*, por mim, eu morava fora. Porque fora do país e fora do Estado do Ceará você tem muito mais oportunidades e você nem acaba perdendo a cearensidade – você pode voltar várias vezes. O Edmilson mora em Los Angeles (*Estados Unidos*), porque as filhas dele atravessam a rua para ir para a escola, a filha dele faz ginástica artística na escola, a outra faz violino; se você se destacar nos esportes na escola, você compete na Califórnia uma competição que é seletiva para a seleção olímpica.

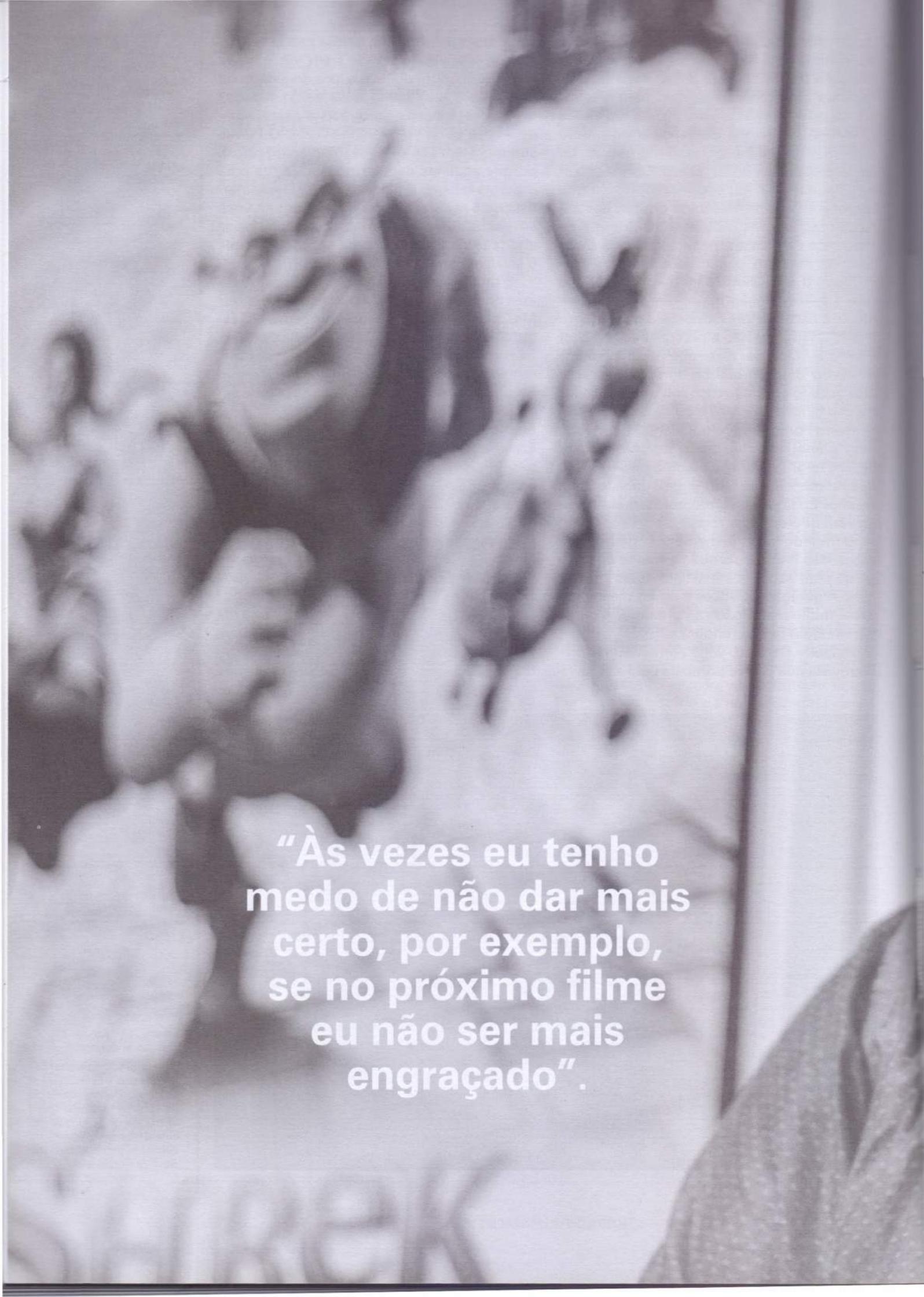
É muito por questão de segurança. As filhas do Edmilson acham o Brasil lindo, sabe? Mas elas têm medo daqui por causa da segurança. Elas ficam impressionadas porque os carros aqui são blindados. A esposa dele, quando veio aqui, ficou impressionada com o carro com tração animal, levado pelo jumento, no meio da rua. Essa mulher ficou deprimida imaginando como acontece isso no Brasil. Lá o Edmilson tem melhor estrutura para tudo: para estudar, comprar um equipamento, viver. O Edmilson tá vivendo uma vida que eu gosto.

Eu queria morar fora porque, se eu melhorasse meu idioma e entrasse numa escola de cinema lá nos Estados Unidos, eu correria um sério risco de trabalhar em Hollywood, *cara*! Será que é ruim trabalhar em Hollywood? Não, né? Então, eu não vou ter direito de pensar nisso? Eu acho que eu tenho. E sempre levando *cearensidade*! Eu poderia também tentar um doutorado ou pós-doutorado

Um dia Haroldo foi informado de que havia vencido a causa e o pai receberia a aposentadoria, além de todos os atrasados. Haroldo correu para dar a grande notícia para os pais. Tempos depois a causa foi perdida na segunda instância, em Pernambuco.



Haroldo Guimarães foi um dos três mais bem votados, dentre dezenas de outros nomes, pela turma na reunião que decidiria quem seriam os cinco a ingressarem na *Revista Entrevista*.



**“Às vezes eu tenho medo de não dar mais certo, por exemplo, se no próximo filme eu não ser mais engraçado”.**



Três pessoas diferentes votaram em Haroldo Guimarães no processo de escolha dos entrevistados para a revista: Rafael Queiroz, Ruth Lene e Alana Lins.



por lá, porque as universidades no Brasil são muito autorreferentes, por isso não têm um Prêmio Nobel. É um artigo que é para academia. Ele pode ser uma bosta, mas, se for para a academia, tiver registrado nos anais, ele é joia. Enquanto as publicações no resto do mundo são mais interdisciplinares e uma pessoa com pouco conhecimento de mundo consegue entender e ver a validade delas. Se você pegar a Teoria dos Jogos, do John Nash, da *Mente Brilhante* (filme premiado no Oscar), é um artigo de seis páginas compreensível até demais e esse cara ganhou um Nobel!! Aí, um cara aqui faz um artigo herético *pra caralho*, ninguém lê, bota no currículo e ganha um doutorado. Eu não gosto da academia no Brasil e acho que a academia fora seria mais interessante. Para você conseguir ganhar um processo seletivo para um mestrado aqui, às vezes, você tem de ser amigo do professor.

Eu adoraria estreiar um show em Las Vegas e em Nova Iorque (*duas das mais importantes cidades americanas*). Lá se remunera muito bem, seria muito massa, mas esses planos todos ficam de lado, em segundo plano, por causa da minha família, que amo muito. E não me arrependo disso não, porque minha família é demais. Eu cuido demais da minha família, sou 100% fechado com minha família. Já viveram muita dificuldade financeira e agora que eles estão no restinho da vida, com um pouco de conforto, eu não vou deixá-los não. Então, assim, desde quando o Edmilson foi para os Estados Unidos,

ele me convida para ir morar com ele, seria uma das grandes alegrias da vida dele, mas eu não vou. Porque minha família está aqui e precisa de mim.

Eu não moro mais com eles. Eles moram na (*avenida*) Duque de Caxias até hoje, mas a casa virou um quartel general para eles. Tem tudo, sempre tem dois empregados lá para ajudar, os diaristas. Todo mundo é doente, mas eu estou lá direto, todo dia entro em contato. Tudo é por eles e daqui eu não saio, não. Aí, me perguntaram: "Vai fazer um curso no Rio?" Vou não, por eles. Se eu pudesse, eu botaria todo mundo numa sacola e levava, mas não dá. Porque me disseram que, se eu tirasse meus pais, no finalzinho da vida, da Duque de Caxias, seria pior, porque eles estão em processo de esquecimento e, quando muda de casa, é pior, é escada abaixo. Um dia eu aluguei uma casa no (*complexo turístico e balneário*) Beach Park para comemorar o aniversário da mamãe, e papai acordou de noite sozinho e chorando perguntando onde estava. Então, graças a Deus, vamos continuar com meus pais até o fim. Vamos ver no que vai dar.

Agora tem o lado bom: o Halder conseguiu se estabelecer aqui em Fortaleza, né? O Halder é um cineasta cearense, radicado no Ceará, que faz filme no Ceará e reconhecido nacionalmente. Quem sabe o caminho seja esse também? Fazer uma coisa que nós cearenses nunca conseguimos fazer. O (*cantor e compositor cearense Raimundo*) Fagner só foi ser amado no Ceará quando foi pro Rio

Na juventude, Haroldo chegou a pleitear uma vaga no vestibular para Arquitetura na UFC, por se achar um bom desenhista. Mas na época não conseguiu fazer o teste de aptidão para desenho.

## “Pela atuação eu faria um negócio muito doido. E meu sonho hoje é se tornar o melhor ator do Brasil.”

(de Janeiro). Ednardo (cantor e compositor) também, Belchior também. Todos eles tinham carreira aqui, mas eram uns *doidins*. Foram chancelados pelo Rio. “Não, são demais”! Talvez seja o mesmo processo do Halder. O Halder, quando fizer um filme que seja sucesso nacional, o menino de 24 anos, formado em jornalismo, que nunca entrou num set de cinema, vai dizer: “Tem razão. O Halder é um gênio”. Eu não tenho a menor dúvida! Porque é assim que funciona.

**Karine** – Você disse que seu pai não gostava muito de você seguir carreira no humor. Quero saber se o resto da sua família pensava da mesma maneira.

**Haroldo** – A mamãe (dona *Eliedira*) sempre obedeceu ao papai, então a mamãe também não gostava. Agora eles estão *véi*, né? Eles têm de aceitar. Por exemplo, o papai me viu quando eu botei lá em casa o DVD do *Cine Holliúdy*. Ele: “Olha, rapaz, isso é você, né? Tá bom”. Aí saiu (risos). E a mamãe também se cansa. Então, eu queria que eles tivessem mais com a cabeça no lugar para saberem da importância. Porque eu acho que eu estou fazendo muito pela cultura do Ceará. Não que sem mim a cultura do Ceará não exista. Nada a ver. Mas eu acho que eu estou fazendo uma coisa interessante. Na questão da cultura, se você conversar com um filólogo sobre o *cearencês*, ele vai confirmar que de fato existe um *cearencês*. Nosso dialeto é o da costa norte. Oito milhões de pessoas falam o nosso dialeto. E eu acho que eu tenho minha pequena contribuição nisso porque o (humorista) Renato Aragão falava pouco *cearencês*, o (humorista) Chico Anísio não falava nada de *cearencês*, o (humorista) Tiririca falava errado, mas não falava *cearencês*. Pessoal pergunta por que o *Shaolin do Sertão* não tem legenda e eu respondo que é para isso mesmo, para as pessoas se acostumarem. Tem muita piada regional, mas os filmes de Hollywood também têm suas piadas locais que a gente daqui não entende *porra* nenhuma. Os filmes rodados em Nova Iorque, do Woody Allen (cineasta), não são regionais também? Pois o nosso também é! Porém com a regionalidade daqui do Ceará. “Se você quer cantar o mundo, você tem de cantar sua aldeia”. Sei lá quem falou essa frase, sei lá quem foi o corno que falou essa *porra*.

Se eu não atuar mais como ator no mes-



mo nível e sempre melhorando, eu acho que eu tenho uma colaboração e torço para que mais pessoas tenham coragem de falar no *cearencês*. Gente, não havia! Antes desses anos, havia uma vergonha de falar. O próprio Chico Anísio, quando ia fazer um nordestino, fazia com um sotaque puxando mais para o pernambucano, porque ele não entendia o *cearencês* como um sotaque separado dos outros, entendeu? Mas nós somos oito milhões de pessoas. Mas o que foi que você perguntou mesmo? (risos)

**Karine** – Eu perguntei o que é que sua família achava de você ter seguido na carreira de humor.

**Haroldo** – Ah, então pronto! Meus irmãos dão o maior valor. A irmã esquizofrênica não tem noção, ela não fala uma frase com sen-

Haroldo cursou História na Universidade Estadual do Ceará (UECE), mas nunca chegou a conquistar o diploma. Ainda hoje ele deve a entrega e apresentação da monografia.

Na pré-entrevista, Haroldo revelou que tinha ficado muito triste quando ingressou na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ficou sabendo que só poderia beijar na boca se fosse marxista.

Haroldo começou advogando só. Ele abriu um escritório sozinho e passava o dia esperando as pessoas aparecerem. Segundo ele, não vinha ninguém. Quando alguém ligava era a mãe dele.

tido. O Helialdo, que anda com dificuldade, dá o maior valor, e a Helidiara, que tem problema no pulmão, também. A única que tem dificuldade de entender é a Heliara mesmo, que é a mais velha e esquizofrênica. Então, os meus pais é que estão mais velhos e estão *brocos*. *Broco*, é o novo! Entendem mais nada. Mas meus irmãos acham o máximo! Minha irmã tem o maior orgulho, compartilha as coisas.

**Karine** – Haroldo, você já mencionou que a família é muito unida. Teve algum momento em que isso começou a ser mais forte ou desde que você é criança as coisas já são assim?

**Haroldo** – *Rapaz, doença e liseira unem, né? Doença e liseira são um negócio. Se a doença e a liseira não unirem é melhor desistir. As pessoas pensam que essa gente do meio cultural são pessoas evoluídas (gesticulando com gracejos), mas não. A gente teve muita doença na família e liseira medonha. A gente se ajuda demais, é um fechamento em equipe mesmo. Não fresque não, quem mexer com o pessoal lá de casa o pau canta!*

**Rafael** – Qual foi o impacto da doença da Heliara na família?

**Haroldo** – *Rapaz, fundamentalmente foi medo. Eles se esforçaram muito para pagar o colégio dela, o 7 de Setembro, que era um colégio muito caro, muito fora da realidade dos meus pais, muito fora mesmo! Mas eles se esforçaram para pagar o 7 de Setembro da Heliara e da Helidiara. O nome do meu pai é Haroldo e o nome da minha mãe é Eliedira, tá (com uma risada irônica)? Então a primeira*

---

“Eu cursava História e Direito. Na História eu era considerado meio *playboy* e no curso de Direito eu era considerado comunista, meio maconheiro”.

---

filha do casal é Heliara, a segunda filha é Helidiara, o terceiro foi Helialdo e, por fim, quase eu viro o Helioldo! Mas alguém aos últimos minutos do segundo tempo aconselhou Haroldo Filho e deu certo. Foi esse medo, cara, eu fui uma pessoa presa dentro de casa porque meus pais tinham medo de que eu saísse e ficasse doido também. Isto aconteceu: o pavor e a tristeza se instalaram lá em casa. O sentimento de derrota e fracasso, porque ela era o projeto de sucesso e teve isso com 19 anos.

Isso acabou refletindo na minha criação, mas teve o lado positivo. Como eu passava o dia trancado dentro de casa, eu passava o dia lendo. Eu abandonava os livros no meio, por conta da minha condição de TDAH, que é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, mas eu tinha uma cultura geral.

A entrevista aconteceu no *Home Theater* do prédio do Haroldo, uma das áreas de lazer do prédio onde ele mora na Rua Pereira Valente. O local é decorado por pôsteres de filmes famosos, como *Titanic*, e do artista preferido dele, Michael Jackson.



Tinha muito livro e muito disco e isso me dava uma cultura geral. E é isso!

**Alana** – Sua mãe tinha medo de ver você sozinho estudando?

**Haroldo** – Com certeza! Ela dizia que eu ia ficar doido igual minha irmã. Eu ficava puto e tinha dia que ela ficava fora do sério. Eu apanhei de todo jeito que vocês imaginarem. Eu apanhei de mãozada, chinelada, palmatória, de pau nas pernas, de tudo eu já apanhei. E nem virei emo, está tudo tranquilo (*risos*). Tudo tranquilo, eu sou grato aos meus pais. Eu fico doido vendo as crianças hoje no shopping. Primeiro porque se comunicam com os pais por “você”. “Você” o que, macho?! Lá em casa era “senhor” e “senhora”. Chamar de “você” lá em casa era surra, gente! Minha mãe talvez tenha exagerado um pouquinho nas palmadas que me dava, mas nem fiquei doido. Ou talvez eu tenha ficado doido, mas foi bom para respeitar. Respeito muito os mais velhos. Eu acho legal você ter respeito com quem lhe sustenta.

Hoje mesmo eu dei aula de Direito do Trabalho e falei na circunstância de se remunerar a mãe. Porque a mãe trabalha 24 horas por dia, tem conhecimentos elementares de pedagogia, de pediatria, gastronomia, economia doméstica, não tem descanso nem férias e *porra* nenhuma. Se você fosse botar no papel... Você tem de ter pelo menos respeito por essa pessoa. É o mínimo. Ora “você”. “Você” é meus ovos, *macho!* Estou só esperando eu ter filho para eu me vingar (*risos*) dessas crianças, aí *meter a sola*.

**Rafael** – Você nos revelou antes da entrevista que sua mãe os levava a frequentar a Seisho-No-le. De que maneira você acha que isso influenciou na relação de vocês?

**Haroldo** – Cara influenciou pelo seguinte... Eu sou ateu hoje, né? Mas eu tenho de confessar que na hora do desespero eu vou rezar e eu rezo antes de dormir para mim e para minha esposa. Eu durmo em cima dela, na rede (*eu adoro dormir assim, abraçado na rede*), eu rezo para mim e para ela. Eu sou ateu, mas eu rezo, *macho*. Eu sou doente mental (*risos*). Eu rezo o Pai Nosso e o Credo. Não sei falar (*no sentido de rezar*) o *Salve Rainha*, mas minha esposa sabe e eu acho massa. É linda a oração! Eu não acredito em nenhuma palavra que está sendo dita ali,

mas tem um negócio de esperança, “salve, salve”, que é lindo e eu acho muito massa. É linda a oração! Eu não acredito em nada, negócio de “Santa Maria”, só porque é mãe do *cara*, mas acho massa.

Então, eu rezo pela minha esposa, pela minha família, porque vai que é verdade mesmo e a reza resolve. Eu só acho injusto. Porque quem reza se dá bem e quem não reza se fode, é? E os índios? E o cara que é burro, ele tem culpa de ser burro? Eu acho furada total no sentido da lógica a questão da religião, mas eu sei que tem de ter fé. Mas eu não tenho, não, e não acredito em Deus, não. Nem duvido da existência do cara, porque, se eu não tenho elementos para acreditar Nele, eu também não tenho elementos para duvidar Dele. Então, acho que nem sou ateu, né? Sou agnóstico, mas enfim, beleza.

A Seisho-No-le tem umas *viçagens*. Os orientais têm uma loucura (*com ênfase*) com relação ao respeito aos pais e aos antepassados. Uma vez a mamãe me mandou para uma academia de treinamento espiritual na Bahia, onde você ficava o dia todo capinando e dizendo: “Obrigado, papai! Obrigado, mamãe!” Você vê muita gente chateada, preocupada com a vida, aí eles mandam fazer uma Oração do Perdão para os pais e antepassados e as pessoas ficam bem pra caramba. Porque, se você ver os principais problemas da juventude, são problemas entre os filhos e os pais. Só sei que desde criança eu lia os livros da Seisho-No-le em voz alta para a mamãe escutar e fui me contaminando com essa coisa de respeito ao país. Nisso a Seisho-No-le me contaminou, apesar de eu não acreditar em nada espiritualmente hoje em dia. Outra coisa em que eles acreditam muito é em pensamento positivo. Eles acham que, quando você pensa muito positivamente, as coisas acontecem. Eu não acho que o pensamento positivo tenha uma poder de fazer as coisas acontecerem, não, mas acredito, sim, que ele ajude a ter mais iniciativa e motivação para fazer as coisas corretamente. Nesse aspecto acho que a Seisho-No-le me influenciou também.

Todo mundo tem de derrotar seus gigantes na vida. Todo mundo tem seus Golias a derrotar na vida. Tudo o que você faz na vida, que seja bom e terá repercussão para

Haroldo começou a carreira como professor na Faculdade Quixadá, ocupando o lugar de um professor que havia “sumido”. Hoje ele leciona na Unichristus, a um quarteirão da residência e do escritório de advocacia.

---

“(...) já deixei de ter um cliente por causa da cor da pele, eu já fui vítima de preconceito em processo seletivo para mestrado, eu já fui vítima de preconceito em várias situações”

---

Haroldo não perdeu a oportunidade de fazer gracejos com os entrevistadores durante a entrevista. Fez piada com a folga da Rose sentada nos puffs, tirou sarro com o cabelo do Maurício e quebrava os momentos de silêncio com piadas.

Haroldo fez brincadeira das muitas perguntas que Alana fazia a ele: "Valha, moça. Você nem perguntou ainda, né?" Ironizava, para risada generalizada da turma.



sempre, é difícil de fazer e é como um gigante. Foi difícil para o (*o físico Albert*) Einstein, para o Halder, para o Edmilson, para vocês, até para o professor chique (*apontando para o professor Ronaldo*). Todo mundo teve seus gigantes a quem teve de enfrentar. Então, eu vi que, quando as coisas deram certo na minha vida, quando eu tive momentos de depressão e as coisas vinham dando errado, eu me motivei. Nesse ponto, a Seisho-No-le influenciou positivamente.

**Rose** – Haroldo, você citou que tem TDAH. Como você descobriu e, analisando de hoje, como você acha que isso influenciou sua vida?

**Haroldo** – Cara, na verdade, eu ainda nem sei se eu tenho mesmo. Eu ainda estou vendo se isso existe, porque talvez nem exista. Mas é uma grande irresponsabilidade eu dizer isso, mais irresponsável ainda por ser uma pessoa formada como eu, cheia de amigos médicos, dizendo isso. Eu desconfio de que seja para vender remédio, porque as pessoas são diferentes, *cara!* Existem pessoas que fazem muitas coisas ao mesmo tempo, existem pessoas que são focadas, existem pessoas dispersas, pessoas que não são dispersas... E hoje existe um glossário de doenças psiquiátricas que é imenso, *cara!* São mais de mil doenças! Tem categoria para tudo, velho! Será que existe o TDAH mesmo?

Mas tem uma coisa que eu não tenho como negar, que é saber me reconhecer

como uma pessoa com o foco difuso, que abandona tarefas, mas tem vantagens também, como por exemplo: eu vou na cozinha e me pergunto: "O que é que eu vim fazer na cozinha mesmo?" É normal, a gente se esquece. Na minha cabeça, na minha mente, vem voando um elefante, um pedaço de pau, uma faca, um carro e uma colher, entendeu? O meu pensamento é assim. Quais são as vantagens disso? Se eu for fazer uma poesia, como vem muito mais palavras na minha cabeça, teoricamente a minha poesia vai ser mais criativa. Se eu for fazer um sketch (*quadro humorístico*) de humor, o meu vai ser mais criativo e vai ter um fator surpresa porque vai vir muito mais ideia louca e isso ajuda muito no humor. Mas no geral prejudica, eu tive de ser uma pessoa que tem a humildade de entender que eu tenho um processo de pensamento diferente.

Então, foi muito útil. Eu não sei o que seria de mim se eu não tivesse me conhecido nesse aspecto. Porque, de fato, eu atrasava muito, eu era uma pessoa que abandonava as tarefas pela metade, que abandonava as leituras. Eu comecei a trabalhar comigo mesmo como? Meu irmão, eu gosto de estudar, eu quero estudar, eu preciso estudar para ser um bom advogado. Eu me obriguei a ser professor, porque eu me obrigando a ser um professor eu não tenho como me preparar para dar aula sem estudar, né? Eu ia passar vergonha. Eu me obrigo a estudar antes da

O professor Ronaldo Salgado também foi alvo das brincadeiras de Haroldo Guimarães durante a entrevista. O entrevistado se referia a ele como "professor chique".

---

**“Eu adoraria estrear um show em Las Vegas e em Nova Iorque. Lá se remunera muito bem, seria muito massa, mas esses planos todos ficam de lado, em segundo plano, por causa da minha família, que amo muito”.**

---

aula. Todo dia eu estudo. E perfeito, porque eu sou pago para estudar.

Quanto a estudar de última hora, quem tem TDAH, é o atraso em pessoa e deixa tudo para última hora, entendeu? Eu fazia isso demais! Virando noite em semana de prova. Muito louco, confiando tudo para última hora, confiando tudo no improviso. É por isso que o Edmilson ficava *puto* quando eu ia fazer show com ele. No fim, dava tudo certo, mas ele era mais metódico e eu improvisava as coisas mais na hora. E eu vi que precisaria melhorar nisso.

Quando foi que eu descobri? Foi uma coisa antiética que fez uma amiga minha, que eu nem achei antiético. Quem acha são os psicólogos. Ela me pegou pelo braço quando eu dava aula numa faculdade que tinha curso de psicologia e me levou para o centro de uma aula apontando para mim e dizendo: “Estão vendo, gente? Esse aqui é um exemplo de alguém que tem TDAH. Esse aqui é o maior exemplo, na história, de alguém que tem TDAH”. Eu perguntei: “Valha, tu achas que eu tenho mesmo?” E ela respondeu: “Tem”.

Nisso ela falhou ética e profissionalmente, porque para diagnosticar uma pessoa, ela precisa antes aplicar um teste. Então, eu conversei com um psiquiatra e ele falou para eu fazer um teste porque poderia me ajudar. Quem sabe ele poderia até me passar um remédio. E eu: “Não, remédio não! *Porra* de remédio”. A moda agora é Ritalina, né? Que faz o maior sucesso na geração de vocês. A pílula da concentração, que você vira o super-homem quando toma. Eu nunca tomei isso, graças a Deus. Já me ofereceram dizendo: “Toma, toma, Haroldo! É massa, eu sou feliz!” (*risos*). Mas eu nunca tomei. Esse

psiquiatra me mandou para outro psiquiatra com o qual eu fiz o teste. Deu no teste que eu sou muito TDAH mesmo, muito! Eu sou o campeão mesmo!

É isso, tem vantagens e desvantagens. Se você for na minha casa agora, eu tenho um armário cheio de agendas. Eu tenho uma agenda para cada ano, eu anoto tudo da minha vida. O compromisso com vocês está lá na agenda. Minha agenda é uma loucura, tem muita coisa anotada e tem de estar anotada, senão eu esqueço. E como eu quero assumir todas as tarefas do mundo, a agenda me ajuda a organizar e saber se é fisicamente possível fazer minhas tarefas. A maioria das pessoas normais não precisa de agenda. Minha esposa não precisa, ela é ótima” Mas, gente, se minha agenda começar queimar, eu juro que faleço na mesma hora. Eu preciso da minha agenda, eu preciso ser muito organizado! Minhas roupas, meus livros... Porque, se desorganizar, vira o caos.

Eu sempre gostei de muitas coisas e isso me sabotou muito. Por isso demorei muito tempo para ganhar dinheiro com a advocacia e demorei muito para ser um professor respeitado, porque eu sempre fiz muita coisa ao mesmo tempo. Hoje é glamourizado, né? Fazer muita coisa com um bom desempenho relativo em todas. Mas no começo era horrível! Eu vi muita gente se dar bem na advocacia muito cedo, mas eu não. Eu era advogado, ator, músico, tudo ao mesmo tempo. Demorava a acontecer, mas agora deu tudo certo.

Em resumo, respondendo sua pergunta: ter descoberto de que eu sou uma pessoa portadora das características de TDAH, sendo ou não isso uma síndrome ou doença, foi muito importante para mim. Foi muito importante para eu me casar e para eu sustentar minha família. Eu simplesmente descobri que sou assim, então vou ter de trabalhar nisso. O TDAH age muito no amor. Se eu tiver apaixonado por um tema, eu viro o melhor de todos nesse tema. Por exemplo, eu era um aluno muito bom, mas tinha um aluno que era melhor do que eu, que era o Pedro. Um dia o Pedro me desafiou, dizendo que eu era ótimo, mas não era melhor do que ele. *Cara*, eu fiquei tão *puto* que eu me tornei o melhor aluno de todas as quintas-séries e só tirei dez em tudo só para passar na *cara de chibata* dele (*risos*). Pediram-me para escrever um livro de Direito do Trabalho e eu me apaixonei pelo tema, então eu passo cinco horas por dia escrevendo o livro. Isso porque eu sou apaixonado. Agora, se eu não estou apaixonado pelo tema, eu abandono.

O computador foi um bicho importante porque nele eu faço pasta para tudo. Eu começo a escrever sobre humor e, quando eu

Apesar de não parecer, Haroldo afirma que é um cara reservado, que não gosta de ir para a balada e de “fazer putaria”. Prefere receber os amigos em casa.

A produção tentou entrar em contato por *e-mail* com Helidiara, irmã mais nova de Haroldo, para recolher mais material para a entrevista, porém sem sucesso.

O fotógrafo Filipe Pereira é figurinha repetida de outros carnavais da *Revista Entrevista*. Essa é a quarta cobertura fotográfica que ele faz para o projeto gerido pelo professor Ronaldo.

desisto, eu coloco na pasta. Dois anos depois, eu vejo o texto de novo e acho massa e quero utilizar. Eu estou usando isso para fazer minha peça, minhas pesquisas, meu livro e outras coisas. Meus escritos de Direito do Trabalho, que já datam de 15 anos, estão sendo utilizados até agora. Então, está tudo dando certo agora, mas até chegar aqui eu passei por depressão. Eu fiquei deprimido e fiz projetos para me matar. É importante falar sobre isso porque o suicida sente uma dor tão grande que ele só quer que pare a dor. Ele não é nenhum covarde nem nada. Ele só quer que pare e não vê outra maneira. Simples assim. Eu realmente sentia dor. Hoje é muito lindo eu conversando aqui com vocês vendo se tenho alguma coisa boa a dizer. Talvez, né? E eu sei que ninguém é tão burro que não tenha nada para dizer, nem ninguém é tão inteligente que não tenha nada para ouvir.

Mas eu tinha certeza de que eu era um idiota. Até que um belo dia eu liguei para a minha irmã e disse: "Helidiara, eu quero que você venha aqui hoje porque estou querendo me matar". Ela largou tudo no trabalho, veio correndo para me ver e passou a tarde e a noite conversando comigo, até depois de meia noite. Dizendo que é possível sair dessa, que era possível se organizar, que eu estava descobrindo quem eu era e eu poderia ser uma pessoa massa. Até acreditar nisso tudo eu precisei assistir a uma entrevista no Jô Soares. Entrevista no Jô Soares, *coisa paia (risos)*... Era um psicólogo e ator que dava palestra. Eu comecei a me achar parecido com esse cara, porque ele era perturbado. Ele era perturbado, mas dava consultoria para empresas, era desenrolado e era engraçado. Eu: "Opa, isso é legal!" No final do programa, ele pediu uma palavrinha ao Jô e disse mais ou menos assim: "Jô, eu sou ator e psicólogo hoje porque eu usei as duas habilidades que eu tinha para virar quem eu sou hoje. Então, eu gostaria de falar para quem está me assistindo que se especializem em ser quem vocês realmente são". Meu irmão, isso me tocou, gente! Isso aconteceu em 1997. Esse programa tem no Jô Soares e vocês têm de assistir.

A partir daí, eu fui descobrindo pessoas na história que faziam várias coisas: o Jorge Hélio é professor e jurista aqui no Ceará, o José de Alencar (*escritor cearense*) era juiz-consulto, senador da República e romancista. Eu vi que era possível fazer muita coisa, velho! Eu mudei meu jeito de ser e passei a agir como eu realmente era. Antes eu acreditava que não poderia ser quem eu realmente era porque uma menina um dia me disse que ninguém iria me contratar como advogado se eu agisse do jeito que eu era. Ela dizia que o advogado tinha de ser sério, circunspecto, não

gaiato e doido como eu era. Eu juro pela mãe que, quando eu decidi ser quem eu era, as coisas começaram a acontecer. Comecei a ganhar dinheiro e viver bem da advocacia, comprei um carro e passei a morar só. Hoje, se der abertura, eu brinco numa audiência, na sala de aula. Às vezes, em uma audiência é bom quebrar a tensão, ser afável e quebrar o gelo.

Então, foi importante descobrir quem eu era e a partir disso descobrir que não é defeito! É diferença! Eu não sou um defeituoso, sou um diferente! É isso! Para a minha vida isso foi muito importante.

**Ingrid** – Como é dar aula quando você não é apaixonado pelo tema?

**Haroldo** – Eu sou apaixonado pelo tema que dou em aula. Eu tenho essa vantagem. E daí eu tenho uma vergonha muito grande de não conhecer a matéria e dar aula. Eu não suporto a vergonha de não saber o tema. Não tem nem perigo de eu não estudar para dar aula e é de tal maneira que hoje eu tenho todas as aulas decoradas. Todas as aulas de Direito do Trabalho, Processo do Trabalho e Direito Constitucional já estão na minha cabeça e até Direito Administrativo também, mas nessa estou estudando para reforçar os conceitos.

É perfeita a condição de professor para mim. Você ser pago para estudar! Não sei se eu sou um bom professor. Isso quem vai julgar não sou eu. Eu sou pago para agradar e a turma paga, caro, para eu dar aula, então está bom demais.

**Ruth** – Você nos revelou anteriormente as dificuldades financeiras quando da aposentadoria do seu pai. Como isso afetou na sua carreira profissional?

**Rafael** – E como foi para você e Helidiara segurarem a barra financeiramente?

**Haroldo** – O papai perdeu a aposentadoria dele e nenhum advogado resolvia. Eu achava o processo do papai a cruz da minha vida e tinha de estudar aquela *porra*. Foi essa cruz que me mostrou que eu era um ótimo advogado quando eu resolvi o processo do papai parcialmente, entendeu? *Porra*, eu sou um advogado do caralho! Eu me garanto! Era o que eu achava na época porque os advogados amigos do papai não resolveram e eu resolvi! O que era a minha cruz acabou sendo massa!

A cruz da minha irmã é administrar uma casa com pessoas doentes. Mas em compensação ela está lançando mão de conceitos de administração que são invejáveis. E ela está usando os conceitos da administração para organizar direitinho a casa dos meus pais, porque ela é psicóloga e professora da administração. Tudo tem um lado positivo. Eu e a minha irmã nos unimos para resolver a

No final da entrevista, a turma aproveitou para tietar um pouco Haroldo Guimarães e tirar fotos com ele. Haroldo brincava com as meninas pedindo para elas "tocarem seu corpo" na hora da foto.

situação deles, porque em um belo dia eu cheguei na casa dos meus pais e não tinha lugar para sentar e eles lá doentes. Não tinha lugar para sentar porque papai é acumulador compulsivo.

Eu decidi fazer uma reforma. *Pow!* Todo dia era um cacete, todo dia meu irmão chorava, papai e mamãe *putos* comigo. Todo dia encostava um carro para levar bagulho: ferro, alumínio, tijolo, piso... Gente, eu estou falando de uma casa de 40 metros de profundidade e seis de largura em que não tinha lugar para eu sentar. Pessoal não é muito normal lá em casa, não (*risos*). Eu mesmo não sou muito normal, não. A gente se uniu de verdade para resolver essa situação. Demorou muitos anos, mas fizemos a reforma, tiramos tudo de casa. Minha irmã foi morar lá.

Eu fiquei na área jurídica para resolver o problema da aposentadoria do papai. Quando ele perdeu a aposentadoria dele, eu estava me formando. Foi o pior dos mundos, *macho!* Foi em 1999. Era uma *liseira medonha!* Porra, foi horrível, gente! Faltava o que comer, cara! A minha irmã tinha o ordenado de professora da UFC, mas não era o suficiente para todo mundo. Comecei a advogar e as coisas começaram a dar certo na advocacia e comecei a comprar umas cestas básicas para a casa do papai. Era um negócio para emergência! Depois ajeitamos a casa, depois começaram a ter comida melhor e hoje eles estão doentes mesmo, mas não fazem mais nada em casa porque têm pessoas ajudando. Mas foi demorado.

**Sarah** – Como se deu a escolha pelo Direito?

**Haroldo** – Foi por um amigo. Foi muito *paia*, vocês vão ficar com raiva de mim. O Edmilson chegou para mim e disse: “Faz Direito, cara. É moral.” Vocês acreditam que esse foi o argumento? Então, eu disse: “É mesmo, né, cara?” Pronto. Vocês querem a verdade? É isso.

**Rafael** – Teu pai não te influenciou?

**Haroldo** – Ele ficou morto de feliz por eu ter escolhido Direito. E eu fiquei empolgado quando entrei na faculdade, porque eu gostava de tudo. Achei massa! Só me decepcionei com as figuras do Direito. Eu cursava História também (*na UECE*) e achava as pessoas da História legais, enquanto achava o pessoal do Direito *babaca*. Eu tinha esse filtro, que é uma besteira, né, gente?

Com o tempo, fiz o curso de Direito e achei *paia* demais. Não gostava. Até que no último semestre, eu tive de estagiar na Defensoria Pública porque senão você não se forma. Eu estagiei com alguns defensores públicos e não dava certo porque normalmente eu não conseguia entender o que o cliente pobre vinha me dizer. Nisso os defensores públi-

cos não tinham paciência comigo e iam me mandando para outros, depois para outros. Até que chegou na quarta defensora pública, Maria das Dores Neves Andrade. Faz 20 anos que eu não vejo essa mulher e eu estava falando dela ontem de manhã. Eu preciso me encontrar com essa mulher e dar um abraço nela. Ela me disse: “Meu filho, vai dar certo comigo, viu? Fique tranquilo.” Eu estranhei a confiança dela.

Com ela eu recebi uma cliente com deficiência chamada Edileuza Torquato Medrado. Desse tamanhinho (*mostra com as mãos a estatura pequena dela*), atarracada, com as pernas entrando pela bacia, sabe? Com um neném lindo nos braços. Ela chegou mostrando o filho e dizendo que teve relações sexuais com uma pessoa e essa pessoa sumiu. Um estrangeiro que mora no Brasil que só fez transar com ela e sumiu. “Eu fui só um pedaço de carne para ele”, ela disse. “Mas está aqui, eu tenho essa bênção na minha vida. Mas ele é doente, tem de tomar um leite de soja que é muito caro e eu quero entrar na justiça contra o homem”.

A *Dorinha* (Maria das Dores) perguntou para mim se eu havia me emocionado com a história da dona Edileuza Torquato e perguntou se eu queria ajudá-la. Ela me deu um disquete. É o novo! Era um disquete com todas as anotações com as ações que eu tinha de entrar. Então ela me deu um capítulo de um livro chamado *Ação de alimentos e investigação da maternidade brasileira* e uma xerox me falando sobre Direito de Família. Ela mandou eu ler as duas xerox e fazer uma petição inicial conforme os dados que eu tinha anotado. Eu tenho essa petição inicial até hoje no meu computador.

Eu mostrei essa petição inicial impressa para a Dorinha ler. Ela contou uma mentira para mim, que foi a mentira mais importante da minha vida. Ela disse: “Haroldo, que petição bonita! Eu nunca vi uma petição tão bonita na minha vida!” Mas eu tenho essa petição aqui em casa até hoje e ela é horrível! Ela é muito mais ou menos, sabe? Mas a Dorinha disse: “Que petição linda, Haroldo! Olha, esse trabalho que você escreveu vai ser muito influente na vida dessa mulher.” Cara, eu me emocionei na hora. Eu virei advogado naquela hora. Eu pensei: “Meu irmão, então quer dizer que se eu estudar isso eu posso ajudar as pessoas?”

Eu preciso encontrar essa mulher, essa defensora pública. Porque, se não fosse ela, eu não teria sustentado minha família, eu não teria feito nada, entendeu (*emocionado*)? Com uma mentira! Para você ver como um bom professor até com uma mentira ele pode ajudar. E era uma mentira mesmo! Eu

Alana Lins perguntou em *off* para Haroldo qual era o significado as pulseiras que ele estava usando. No que ele respondeu: “Nenhum.”

O gravador do professor Ronaldo parou de funcionar na metade da entrevista, porém, os celulares da Ruth Lene e do Maurício Xavier estavam na retaguarda e gravaram a entrevista na íntegra.

A pré-entrevista foi muito completa e teve muitos fatos marcantes citados. Os produtores tentaram costurar o máximo possível para que alguns desses fatos fossem repetidos na entrevista.

posso até mostrar a petição para vocês. Tem uns erros de formatação, umas coisas ilógicas lá, coisa de quem está começando. E ela disse que estava maravilhoso. *Porra, velho!* Eu virei advogado nessa hora. Eu tinha odiado o curso de Direito até o nono semestre, quando eu comecei a estagiar na Defensoria Pública (*ainda emocionado*).

**Rafael** – Haroldo, você acha que essa sua inclinação para o humor foi uma forma de encarar e trazer alegria à sua vida, diante de tantas dificuldades financeira e familiar por quais você passou?

**Haroldo** – Talvez tenha sido, *cara!* Não sei, acho que sim. Eu acho que é possível. O humor é um bálsamo né, *cara?* Para todo mundo. Quando você vai assistir a um show de humor, você melhora. Por isso eu sinto uma responsabilidade. É uma profissão tão bonita quanto as outras: de advogado, de médico, de jornalista... Porque muita gente purga seus problemas, suas dificuldades, vendo um ator engraçado. Tem gente que me ama, *cara*, e eu tenho de ter responsabilidade por isso! Não acho justo que ninguém me ame, que tenha devoção por mim como artista, porque eu sou o menor dos artistas. Eu vou um dia ser o melhor do Brasil, mas eu estou muito longe ainda de ser o melhor da minha casa.

O *cara* vai pro cinema e quer me ver e acha o máximo, acha engraçado e fica pensando em mim em casa. Nisso eu tenho o meu respeito, *cara*. Porque eu sei da responsabilidade. Eu sei que tem um *caba* que está estressado, está liso, que não está batendo a conta do aluguel, que tem de invadir um terreno, que tem doença na família... Ou o *cara* que é rico, mas não está feliz, o *cara* que tem doença na família, que está deprimido ou o *cara* que se enxerga em mim. Então, eu só queria ser digno de eventual admiração que as pessoas tenham por mim.

**Ruth** – Agora eu quero perguntar da Cibely (*esposa*). Como vocês se conheceram?

**Haroldo** – A Cibely eu conheci em um bloco de carnaval de Fortaleza. O Unidos das Cachorras, já ouviram falar? Eu canto no bloco Unidos das Cachorras e ela era de outro bloco, Baqueta. Eu tinha levado um pé na bunda violento, mas foi até bom porque acabei perdendo peso, emagrecendo. Fiquei *tchutchuco*. Então, comecei a pegar geral, já estava morando só. Bom demais! Com a Cibely foi diferente porque eu fiquei com ela e não queria que ela fosse mais embora da minha casa. Eu não queria namorar nem a pau, mas queria ficar com ela. E ela acabou que nem ficou me pressionando nisso.

O problema é que chegou uma hora em que tinha mais roupa no meu guarda-roupa

dela do que minha e ela ficou indispensável. Começamos a namorar e ela a morar comigo. Depois disso veio a segunda fase que era para casar. E eu: "Para que casar, mulher? Se a gente já é junto." Eu vi que para ela é importante, mas eu achava *paia*. Para que negócio de casar? Então, eu me casei. *Macho*, eu chorei tanto no dia do casamento e vi como é importante o símbolo.

A Cibely é massa! Ela é o meu oposto. Eu falo muito, ela fala pouco; eu sou muito ativo, ela é mais observadora; eu sou um ogro, ela é fofinha; ela se cuida pra *caralho* e é vegetariana, enquanto eu como qualquer porcaria. A gente é um equilíbrio danado. Eu já tive outras namoradas parecidas comigo, mas com a Cibely eu sou contrário em muitas coisas e isso acaba sendo um equilíbrio.

**Rafael** – Ela foi a primeira pessoa com quem você encontrou esse equilíbrio?

**Haroldo** – A maioria das meninas com quem eu já namorei são tímidas. Não sei, só sei que ela foi a primeira menina que deu certo. *Macho*, a gente não briga. A gente não fala um palavrão para o outro. Não, mentira! Ela já me mandou ir para a merda uma vez (*risos*). Aí eu falei: "*Macho*, percebeu que é a primeira vez que você fala palavrão comigo e eu nunca falei contigo?" Ela pediu desculpas e pronto, a gente viu que não somos realmente capazes de falar palavrão um com o outro. Uma vez ela me fez uma raiva e eu quebrei um prato. Pronto, foi o máximo que teve em matéria de cacete.

**Alana** – Você disse na pré-entrevista que tinha dificuldades de manter um relacionamento, né?

**Haroldo** – Eu tinha levado um pé na bunda, *cara!* *Vixe*, a *negada* vai ficar com raiva de mim. *Cara*, é muito difícil você manter um relacionamento se ele não é viável economicamente e as meninas viam isso. A vida é um arranjo econômico. Se a sua vida não for viável economicamente...

Então, era isso. Eu rodava, rodava, achando que o problema era amor e justiça, não sei o que, mas eles (*os relacionamentos*) simplesmente não eram economicamente viáveis. A penúltima acompanhou a minha dificuldade, disse que minha família era um fardo e cansou. Levei um pé na bunda, normal. Já a Cibely não. Ela achava massa e bonito eu cuidar da minha família. Achava lindo! E eu dizia: "Valha, coisa esquisita. Sílvio, Sílvio! Cadê você?" Procurando a câmera escondida da pegadinha (*refere-se às pegadinhas do Programa do Sílvio Santos*). Ela achava bonito eu cuidar da minha família e me acompanhou na liseira. Então eu enriqueci. Deu certo, hoje eu vivo bem, né? E ela ainda está junto comigo. Lambeu o sal comigo, vai lambe o doce igual-

Na despedida com a turma, Haroldo Guimarães elogiou bastante a proposta e o projeto da revista e agradeceu a todos por o terem prestigiado com a participação.

mente. A Cibely é muito parecida comigo, no sentido da simplicidade. Gente, um dia eu vou ficar milionário e juro como vou continuar do jeito eu sou hoje. Vou continuar andando de chinela, vou continuar comendo panelada. O sucesso para mim veio depois dos 30 anos, depois da maturidade. É mais difícil você ganhar dinheiro quando muito jovem. Você com 21 anos, por aí. É nojento, cara! Você não tem humildade.

**Sarah** – Você e a Cibely pensam em ter filhos?

**Haroldo** – Sim, a gente é direto transando. Direto, direto, direto para ver se acontece alguma coisa, mas eu acho que ela está sabotando. Ela quer só para 2017.

**Rafael** – Ela ainda vê sua proximidade com a família com os mesmos olhos ainda?

**Haroldo** – Ela sempre gostou, macho! Ela acha massa! Mas eu ainda penso em voltar um dia para a minha casa na (Avenida) Duque de Caxias, mas isso ela não quer não. Ela não quer nem fodendo. Ela prefere trazer para perto de mim do que me levar para lá, entendeu? Mas, no final das contas, ela gosta desse meu jeito. Quando eu me casei com ela, ela tinha 30 anos. A mulher de 30 anos sabe que as pessoas envelhecem. Ela tem pais mais velhos e ela sabe que você tem de limpar a bunda dos pais. As pessoas de 21 anos não sabem, elas acham que os pais são infinitos. Então, quando ela casou comigo, ela achava lindo eu tratar os meus pais como eu trato.

Papai foi receber a Medalha de Advogado Padrão e ficou com vergonha de ir por causa da fralda que ele tinha de usar. Então eu botei uma fralda em mim e outra nele: “Bora, pai! De fraude.” Ele acabou indo. Feliz da vida, emocionado e tudo! Outro dia o papai foi comigo no Ideal Club (tradicional clube de Fortaleza) almoçar e ele se cagou. Sem problema, levei ele no banheiro e limpei. Tranquilo! Mas a menina de 21 anos não gosta disso. Já a mulher de 30 acha fofo. Enfim, eu casei no momento certo. Sofri pra caralho antes, mas casei no momento certo.

**Ruth** – E como foi o casamento de vocês?

**Haroldo** – Foi no meio da rua, no Unidos das Cachorras. O bloco iria sair umas três horas da tarde e nós fizemos toda a cerimônia de casamento antes de ele sair. Tinha lá um cara tocando cavaco, outro cantando, a gente entrando e casamos. Depois fomos para a rua curtir o pré-carnaval de Fortaleza. Muito doido, muita cachaça!

**Alana** – Você já comentou que quer ser milionário e um ator reconhecido, mas, de fato, para você, o que seria o topo da carreira e da vida?

**Haroldo** – É, eu não quero ser milionário,

não. Quero mais ser um ator reconhecido. Cara, eu não sei o que é o topo não. O que eu quero mesmo é que o público e a classe artística me reconheçam como um bom ator. O que é que eu tenho no Ceará? Parte da classe artística gosta do meu trabalho e grande parte do público também gosta. Isso é um reconhecimento muito massa, é muito legal. Mas eu quero isso nacionalmente! Eu quero que nacionalmente as pessoas digam: “Haroldo Guimarães, cara! Haroldo Guimarães é bom!” Eu quero isso. Quando eu conseguir isso, eu acho que vou atrás de outro sonho. Eu não sou um ator bom o suficiente ainda para ter um reconhecimento nacional. Mas eu vou me tornar, porque eu acredito que sou capaz.



Haroldo age ativamente como promotor de seus trabalhos nas redes sociais. Imagens de bastidores das filmagens e vídeos ao vivo com o elenco dos trabalhos recheiam a linha do tempo das páginas pessoais do ator.

Haroldo Guimarães já está escalado para um papel em *Cine Holliúdy 2*, nova empreitada cinematográfica de Halder Gomes, que já estava em fase de pré-produção no período da entrevista.